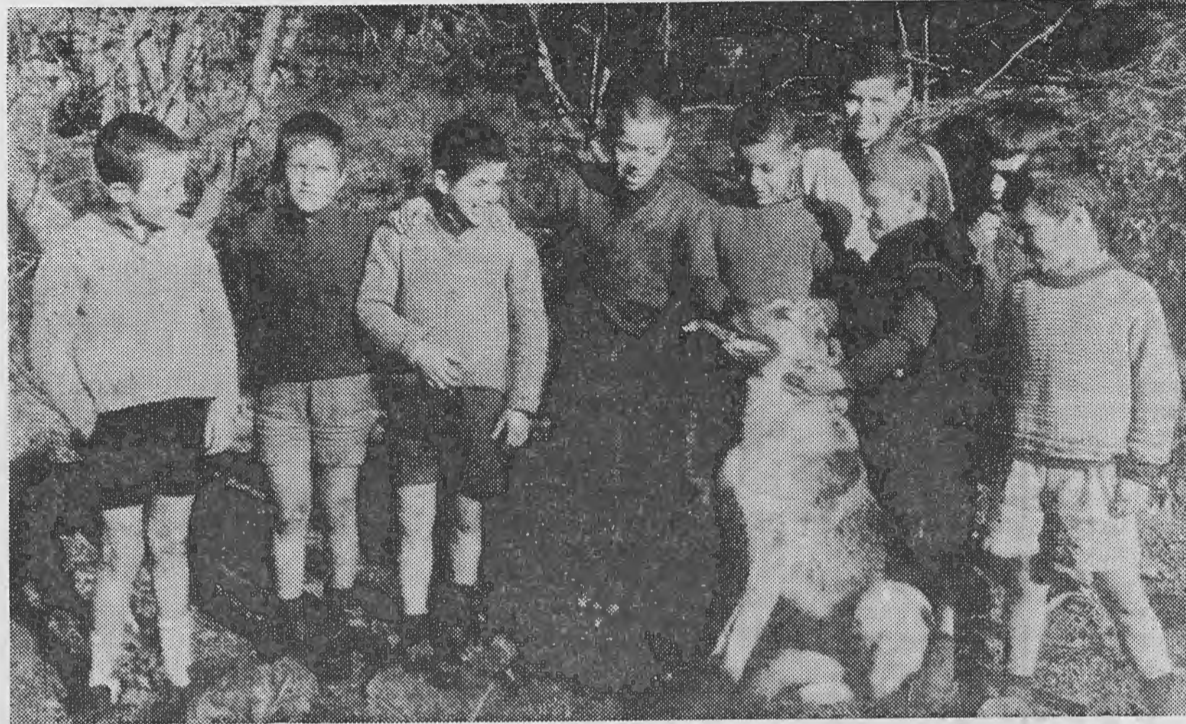




Gaiato

9 DE JANEIRO DE 1971
ANO XXVII — N.º 700 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Hoje o Pop é notícia! Lição de paz. E pacto de amizade. Selados pela mão de «Juiz da Fome» — na boca do animal!...

Aqui Lisboa

«A par com a batalha de todos os momentos que é a de fazer desabrochar em cada um dos nossos rapazes os valores mais sãdios, limando possíveis arestas e ajudando à descoberta de autênticos tesouros, tantas vezes desconhecidos dos próprios detentores, há que procurar firme e decididamente um «habitat» propício à aplicação e desenvolvimento dos frutos de um processo educativo com provas dadas.»

Estas palavras escritas em Junho de 1966, apesar do caminho já percorrido, têm hoje plena actualidade. As velhas instalações da antiga residência patriarcal, que ainda ocupamos, estão longe de satisfazer as mais elementares condições. A nossa maneira de trabalhar não se coaduna com grandes casarões, desconfortáveis e feios, próprios para uma finalidade e numa época já ultrapassada mas incapazes de satisfazer os requisitos impostos por uma casa de formação e educação de Rapazes. A própria conse-

vação do edifício e a natureza da construção, para lá doutras dificuldades, cria um constante esvaír de fundos, incompatível com os nossas possibilidades financeiras.

Somos por natureza voluntariosos e persistentes e isso nos tem permitido vencer muitas dificuldades. Com esses dons, que agradecemos à Providência, vamos procurar construir uma casa de habitação para 50 Rapazes, como, aliás, já dissemos nestas colunas. E se as obras nas nossas Casas, como escreveu Padre Acílio no último jornal, são quase uma imposição da vida e nos sentimos também fartos delas, não vemos alternativa de trilhar vias diferentes, pelo que vamos lançar-nos com toda a força de ânimo, e mais uma vez sem orçamentos ou comprovadas disponibilidades financeiras, como é timbre da Obra, na aventura consciente de oferecer aos filhos de ninguém que nos batem à porta, os meios capazes, a que têm jus. As Riquezas que nos são confiadas tudo merecem e não queremos ser nós a delapidá-las. De resto, nestes agitados e vazios tempos que correm, preferimos pôr em prática o velho aforismo latino «non verba sed res» a cruzar os braços ou a deixar correr, só porque não se consegue o óptimo ou não se solucionam totalmente as questões. É a nossa forma de colaborar e de ajudar a resolver os problemas do Mundo.

«Ano novo — vida nova», diz o Povo. Pois é isso que procuramos ao dirigirmos a cada um dos Leitores Amigos, sobretudo aos da área da Capital, neste princípio de 1971, um apelo veemente e radicado na mais profunda esperança de plena audição, no sentido duma campanha de obtenção de fundos que nos permita alojar 50 dos nossos Rapazes nas condições que cada uma deseja, sem luxos ou atitudes perdulárias, para os seus próprios filhos ou familiares. Precisamos de 800 contos, que não são nada quan-

tuos, que não são nada quan-

SEGUE NA SEGUNDA PAGINA

Respeito pelo Homem

Sob pena de tomar o jornal todo à minha conta com este tema, tenho de ser esquemático:

1.º — A comunhão dos nossos leitores no problema de subsistir, que a vida pôs ao nosso ex-mineiro, foi como esperávamos: imediata; inteligente, mas aquecida por humana afeição; calorosa, mas não sentimental — eficaz, portanto, pró momento.

Mas o caso deste nosso irmão, lembra-nos um problema mais universal, que é o de milhares de silicóticos em condições semelhantes, alguns que partiram deste mundo sem ver resolvidos os diferendos entre interesses de empresas corresponsáveis, mais altos, ao que parece, do que o direito de não morrer à míngua de pão, de tecto, de remédio que cure ou suavize. Se fôsse só este caso...!

Este está servido, para já. Veio o dinheiro necessário. De um serviço oficial do centro do País veio a oferta de um lugar de contínuo compatível com a sua saúde, mas não com o seu 1.º grau de escolaridade, em vez da 4.ª classe estipulada pela lei. Vieram muitas mensagens fraternas — sacramentadas as boas palavras com a res de alguns sacrifícios.

Três destes desabafos...:

«... li, fiquei a tremer de indignação por tais processos de destruir a confiança e os homens.»

«Se não visse escrito nas páginas de O GAIATO com certeza que não acreditava porque me custa a compreender que uma sociedade que se diz civilizada e crente possa deixar praticar tanta injustiça.»

Alguém do Porto que, por si só mandou os 6 contos, acrescentou-lhes esta legenda: «Aceitem, por favor. Obrigado.»

Afinal, mais este ainda:

«Não desejo qualquer referência... A satisfação do dever me satisfaz.»

2.º — São estes valores — confiança, justiça, solidariedade entre os homens, fundada na solidariedade dos direitos-deveres de cada um — que estão em causa e provocam o desrespeito do Homem, numa sociedade que se diz civilizada e cristã, e está muito desmentalizada a respeito da essência destes qualificativos.

É esta desmentalização a verdadeira doença que nos aflige, da qual é difícil detectar os culpados, porque todos o

SEGUE NA QUARTA PAGINA

O n.º 700

Com esta edição atingimos o n.º 700.

São quase 27 anos de caminhada inflexível! E para centenas e centenas de leitores, ainda vivos, manjar que se repete — desde 5 de Março de 1944 — com a mesma sofreguidão e virilidade espiritual.

«Aparece hoje O GAIATO e regressa no terceiro domingo do mês, à mesma hora — informa Pai Américo na primeira edição — e assim por diante, todos os 1.ºs. e 3.ºs, até ao fim do mundo. Assina e manda assinantes — recomenda. Sê revolucionário... pacífico, enquanto houver uma Criança sem casa! E há mundos delas» — grita, pesaroso, de alma a sangrar.

Os homens escutaram. Melhor que nós, o Senhor sabe quanto e como.

Dobrámos o cabo dos 700. E a bola de neve rola. Com a mística da primeira hora. E o bafo perene, imutável, do Santíssimo Nome de Jesus.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A Consoada — Foi distribuída a tempo e horas, no dia 22, por dois vicentinos e Padre Abraão ao volante. «Andámos 15 quilómetros» — exclamou, já no fim.

Que tarde consoladora! Batemos, de mansinho, a todas as portas. Recebidos como amigos. E de sorriso nos lábios. Até numa ou noutra em que a dor impera (mais por pecado dos homens).

No entanto, como apontamento do dia, acentuamos a perplexidade de um velhinho, viúvo, que há uns tempos recebe (não sabe donde, nem é preciso) discreto sobrescrito, pelo correio, com dinheiro e uma legenda: «Reze por mim». Comentário dele: «Eu rezo. Eu rezo por todos!» Deu lição de fraternidade. Não faz **capelinhas** — «Eu rezo por todos!» Apertámos um abraço. Juntámos as preces. Comunhamos a mesma fé.

Este foi o nosso Natal. Assim fôse nas quatro partidas do mundo, onde os homens se degladiam; ou entre os 3/4 da humanidade que subjaz, ainda, em mais triste e imerecido subdesenvolvimento. Até quando?!...

O QUE RECEBEMOS — Este registo segue para a composição na

antevéspera de Natal. Mas que **proissão** de gente, de ofertas, de lendas — e de amor!

Vamos ver se conseguimos resumir — sem defraudar a mensagem de todos e cada um. A luz quere-se por cima do alqueire.

Abre o assinante 2836, do Porto, com votos de **Bom Natal e Bom Ano Novo**. Bandeira de vanguarda! Mais 50\$00 de Carcavelos. E o mesmo, com um voto cristão: «Que o nosso Bom Deus Menino os ajude no vosso trabalho, são os desejos de uma grande pecadora». Mais 20\$00 de Maria Emília. Idem, da noiva do nosso Rufino. Que o Senhor esteja sempre convosco! E mais uma presença muito amiga:

«**Não posso deixar passar esta quadra festiva sem vos mandar a minha pequena presença para os vossos Pobres.**»

São coisas velhas, mas não se deve deitar fora o que cosido com amor pode ainda reconfortar os que vivem nesses antros que vós visitais..»

É uma achega muito oportuna para os nossos dias.

Mais 500\$00, de Coimbra, «por alma de meu Pai e de minha Mãe, pois sem eles nada disto vos poderia enviar». A gratidão é uma grande virtude!

Mais 50\$00 de Cabeceiras de Basto. E 10\$00 da assinante 14941, do Porto. E mais 50\$00 de Ois da Ribeira. Idem, do assinante 28818,

de S. João da Madeira. Mais 200\$00 de Paredes da Beira. E metade do assinante 5308, de Agrelas — Vizela. Mais a presença, muito amiga, da «Viúva do Porteiro». Que bem, entre a massa, o **Óbulo da Viúva!** E mais 50\$00 de Maria do Rosário. E 150\$00 de Maria D. Mais 50\$00 do Largo do Priorado — Porto. E o remanescente do valor da assinatura do Jornal, de velho amigo da Foz do Douro. Outra vez o Porto, com 100\$00, da Alice Pequena. E metade de Mem Martins. E 20\$00 da assinante 19177. Mais 150\$00 da velha amiga «Voz dos Ridículos», do Porto. Juntamos todos num forte abraço!

Antes do Jornal entrar na máquina, surgiram mais os seguintes donativos:

100\$00 de um anónimo, metade da assinante 33580 e outra presença do n.º 25517 — tudo entregue no Espelho da Moda, o nosso Depósito no Porto.

Mais 50\$00 e um primoroso embrulho com roupas, da rua Gonçalves Viana — Lisboa. E 40\$00 do nosso Rufino. Afinal seguem os

dois muito juntos. Que bom! Mais 50\$00 de Espinho, «como é hábito já há bastantes anos». E Deus permita que por muitos mais. O mesmo de Miramar, do assinante 19098. Quatro vezes mais da Av. Guerra Junqueiro — Lisboa. Ainda mais 50\$00 de velha amiga da Murtosa. E 20\$00 de Abrantes. O mesmo do Porto, assinante 23547. Mais 50\$00 e uma encomenda com brinquedos, de algures. E, finalmente, 100\$00 de Vila Real.

JÚLIO MENDES

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Amigos estamos no Natal.

Nesta quadra há muita gente que aproveita somente para gozar o melhor possível. Mas esta quadra não deve ter tal significado, nem sequer aparências, visto ser comemorado o nascimento de um Menino que veio ao mundo pelos homens, sujeitando-Se a nascer num estábulo. Porque será que os homens não aproveitam esta data para fazerem um exame de consciência, dedicando-se um pouco mais aos outros, àqueles que precisam?...

Acho que não custa nada fazermos isso. Se comprarmos um doce, lembremo-nos daqueles que tanto desejo teriam de fazer o mesmo, mas as posses não permitem tal. Por vezes mal chegam para um pouco de pão. Quando comprais um brinquedo para os vossos filhos, lembrai-vos daquelas pobres crianças que, sempre na ansiedade, esperam que alguém lhes dê um pequeno objecto parase entreterem.

Se assim fizermos, estamos na verdade a comemorar o Natal e a

permitir que os outros o comemorem também.

Amigos, para não ir mais longe, deixo-vos esta ideia que Cristo nos deixou:

«Tudo o que fizerdes ao mais pequenino dos Irmãos, é a Mim!» Esta verdade, de que nem sempre os homens se lembram, tem de ser mais vezes recordada.

Sei que todos vós, que ledes o nosso Jornal estais sempre atentos às necessidades dos nossos Pobres. Por isso, em nosso nome e em nome deles, um muito obrigado pela vossa atenção.

José Maria

Paço de Sousa

Brinquedos — Agradecemos a todos quantos se lembraram dos nossos mais pequenos. E foram muitos! Perguntámos ao «Passarinho» se desta vez, na noite de Natal, o Menino Jesus trouxe a saca cheia. «Este ano já se lembrou de mim e dos outros!...» Ora aqui está a satisfação do «Passarinho» e doutros iguais. É a vossa e a nossa alegria.

Festa de Natal — Este ano, como nos anos anteriores, não podia deixar de haver uma festa na nossa Família.

Enquanto esperávamos a chegada da hora para nos reunirmos no altar, para a celebração da Missa do Galo, tivemos um improvisado e muito alegre acto de variedades no salão de festas, que muitos leitores, sobretudo do Norte, já tiveram a oportunidade de visitar.

Manuel dos Santos

Visado pela

Comissão de Censura

Aqui Lisboa

DEM DA PRIMEIRA PÁGINA

do atentamos às verbas que a todo o instante se anunciam ser gastas em festas sumptuosas ou em simples transferências de desportistas(?) ou se dizem oferecer para isto e para aquilo, sem uma finalidade aceitável e onde a petulância e vaidade são bem patentes. Aqui, trata-se de salvar pessoas, vítimas do esquecimento, da cobardia ou da omissão de muitos; neste caso, procura-se estender a mão aos desprezados que constantemente e cada vez mais se nos dirigem e a quem, em tantas circunstâncias, temos de dizer não por ausência de habitação condigna, pois não somos armazém, antes trata-

mos com pessoas, indivíduos, cuja personalidade potencial é preciso ajudar a descobrir e a realizar. Se todos quisermos, o que se idealiza será realidade bem viva ao serviço das crianças abandonadas ou sem família, instrumento de salvação para os que chegam e para cada um de nós. A grandeza da finalidade a atingir é de tal monta que nos permite afirmar que o nosso apelo não vai ser em vão e que Lisboa se orgulhará da sua Casa do Galato.

P. S. — Pedem-nos vários Amigos o endereço desta Casa. Eie aqui vai: Santo Antão do Tojal — Loures.

Padre Luís

PRESENÇA DA IGREJA

A pior celebração do Natal é a ostentação do luxo, os gastos desnecessários, a festa insultante. Quem mais contribui para a convivência humana é quem reparte os bens com a indigência. Cristo veio para todos e temos de nos esforçar por conseguir um Natal de todos para todos.

Ainda há bem pouco o Episcopado espanhol apontou todo o género de pobreza que existe à nossa volta: pobreza pastoral, material, cívica; pobreza religiosa, moral e social; muita pobreza, demasiada pobreza na nossa opulenta sociedade. Perante o facto do Natal, de Cristo que se dá, que se entrega como pobre, servo e amigo dos homens, a nossa reacção deve ser a de glorificar a Deus e reafirmar a personalidade dos homens. Duas variações conexas que se entrecruzam e unem com os laços da caridade. Deus quis manifestar-se em Cristo, servo e pobre. E por isso quis ver-se reflectido em todos os pobres e humildes, em todos os homens servos e oprimidos.

CARDEAL TABERA
Arcebispo de Pamplona, numa carta pastoral aos seus diocesanos

Padre Hórcio

TRIBUNA de Coimbra

Tirei a tarde de sábado e a manhã de domingo para dar uma volta pelos arrabaldes da cidade, pelos sítios consagrados às barracas. Elas são sempre esconderijos de vidas humanas. Elas são sempre objecto de meditação para os que procuram Deus. Elas deviam ser sempre motivo de vergonha para os homens que se dizem civilizados.

Não encontramos muitos bairros de lata ou muitas barracas de caixotes velhos, mas nem por isso, deixámos de ver e ouvir vidas amarfanhadas pela promiscuidade, pela doença, pelo abandono.

Uma mãe de muitos filhos (quantas aflições tenho escutado da boca daquela mulher!) veio contar-me da sua sorte com um filho de catorze anos que cegou há pouco: só faltava mais esta infelicidade na minha casa. Mostrou-me o par-

dieiro onde duas vizinhas suas me esperavam. Uma com oito filhos pequenos e o marido doente. Outra com igual número de filhos e o marido preso. Venha lá. É uma grande miséria. Veja se as socorre com alguma coisinha.

Famílias numerosas a viver em dois compartimentos. As retretes são para toda a gente da zona. Os esgotos nunca chegaram a ser feitos. Os animais misturam-se com os donos. Crianças só de camisa. Grupos de mães com saudades de há muito me não verem. Rapazes das nossas Colónias de Férias a beijarem-me a mão. Retirei-me, cabisbaixo, a dialogar silenciosamente com Cristo que continua a passar o seu Natal nestas mansardas de morte enquanto tantos homens, fingindo que O conhecem e O amam, caminham na sua felicidade(?), alheios à vida dos irmãos pobres. Até quando, Senhor, é que nós homens, que nos dizemos teus amigos, te deixaremos viver e morrer nestes lugares desumanos?

Gaiato

Quadra festiva como esta, tão cheia de generosidade e desejo de paz, decerto que não há no nosso calendário.

Muitos dos nossos Amigos, guardam-se para esta época se desobrigarem, sempre com palavras de simpatia e confiança nesta Obra, inspirada por Deus ao coração de Pai Américo.

Vamos anotar o que até nós chegou, com bafo natalício.

Da Agência em Tomar, de Pinto Magalhães Banqueiros, a sua presença com 500\$. Por alma de Humberto Moutinho, 300\$00. Lídia de Lisboa, e nviou-nos 100\$00, de promessa. Ma's um cheque de 200\$, da Sociedade de Cristais. «Uma Mãe Alentejana», enviou-nos roupas, perguntando se servem. Pois, minha senhora, se não para os nossos, para aqueles que todos os dias nos batem à porta.

E 307\$50, contribuição do Pessoal do Posto n.º 105003, da Caixa de Previdência, sita na Rua D. João V. Da Amadora, 500\$ de M. E. De três funcionários anónimos da

Do que nós necessitamos

FNAT, 200\$. A presença sempre amiga, que nos vem todos os meses, da Amadora, com os 75\$00 em selos de correio. E. D. M. com 20\$ mensais. De uma «das duas irmãs muito amigas», 1.000\$. Duma graça recebida, 240\$. Aveiro com 500\$. Lisboa com 50\$. J. Antunes com 100\$. Anónimo C. S., do Porto, 200\$. Vila das Aves, 20\$. Um vale de correio de 500\$, de algures. Uma linda camisola, «por alma de Maria José, em substituição das flores que é costume oferecer na ocasião do funeral». E roupa preciosa, do Porto.

Ass. 26959, do Porto, com

500\$. Por intermédio do nosso Amigo, Sr. Manuel Mendes, 500\$ enviados pela ex-cigarreira Aida, residente em S. Paulo. Assinante de Rio Tinto, com várias presenças de 100\$00. Por alma de Olívia, 20\$00. Dos nossos amigos do Bairro da Pasteleira que nunca nos esquecem, 430\$. Mais 350\$ de Aveiro. «Uma Mãe», enviou-nos uma camisa de seu filho, com muita delicadeza e ternura. Retalhos de pano variados, que todos os anos no dia 6 de Novembro, nos chegam vindas de Bairro-Minho.

De «Uma Mãe e duas filhas» e referente a aumentos de ordenados, 1.600\$. Da Tabacaria Lusa, na Praça da Batalha, 1.340\$, produto das migalhas deitadas no mealheiro existente nesse estabelecimento. Ass. 12844, com roupas. Do cliente e amigo da nossa tipografia, Senhor J. Alves, um pacote de camisas bem apetezadas nesta época, porque de flanela.

Artigos de vestuário de Pizões Velhos. Anónima, funcionária da Previdência, que subiu de categoria, envia-nos 200\$. Lisboa com 100\$, de Helena. Da Princol, 100\$ e as apreciadas garrafas de Vinho do Porto. «Obra de Deus, para os Pobres», com 40\$00.

Uma Maria com 100\$. Amiga de Henrique, com 54\$, que pede orações pelas melhoras de seu noivo. Nova Freixo com 200\$

moçambicanos. Do Sr. Manuel, da R. da Corticeira, várias presenças, de 40\$, 50\$ e 40\$. Ass. 30554, com 500\$. Por alma de Manuel, 100\$. E a apetitosa encomenda de cobertores, da Sotex, com que a Gerência daquela Sociedade, nos brinda todos os anos.

350\$ de dois irmãos muito amigos. Assinante de Espinho, com 100\$. Mais cem de Moura. E 20\$ de Caria. Do Porto, «Um casal feliz, tem o gosto de entregar à Casa do Gaiato, pelos seus 50 anos de casados, a importância de 10.000\$». Bem hajam e o Senhor os abençoe.

«Um grupo de amigos — «Grupo do Vinte», da Escola Industrial de Gouveia, envia uma pequena lembrança para os rapazes do Gaiato.» Luisa, envia 100\$, para a «canela das rabanadas.» 150\$ de algures. 100\$ de Lisboa. «Avó Beirã», com 100\$. De Gaia, 100\$. «De uma tia, que deseja o anonimato.» 500\$. Da Invicta, 200\$. Num cofre de esmolas, existente na Câmara Municipal do Porto, 61\$80. «Um irmão», de Lisboa, com 50\$. De «A transmontana», 100\$. De uma viúva, 100\$. Para a maior necessidade de momento, 100\$. De Santarém, cá vai aquele «casal muito amigo», com o abono de sua filha. Muitas e variadas ofertas, que trazem do Espelho da Moda, sempre que por lá passamos e somos acolhidos com

muita amizade. 200\$ e uma carta vinda da Areosa:

«Com os meus melhores cumprimentos, venho a seus pés, pedir-lhe o favor de uma oração, pela intenção da felicidade e bom porte do meu filho Constantino, em serviço no Ultramar.

Para que ele abrace os princípios em que foi criado e siga os exemplos que sempre lhe demos.

Que o bondoso Padre Américo, lá do céu, vele pela sua conduta, e que ele volte um dia, com as qualidades que caracterizam os homens de bem.

Meu filho, completa 23 anos no próximo dia 26 de Outubro, e esta lembrança é a que eu lhe merecia mandar, mas achei por bem que fôsse enviada para os rapazes, e, para que Deus ilumine o caminho que pisa.

São estes os desejos ardentes de uma mãe.

Com toda a gratidão e muita desculpa

Uma Assinante.»

Rio Tinto com 40\$. De Braga, ass. 16264, com presenças de todos os meses. Anónimo com 50\$. J. A. C. com 150\$. Em cumprimento duma promessa, 413\$. Selos de Lisboa. Viúva amargurada enviou-nos uma pulseira de relógio, em ouro e 300\$. Mais 60\$, de Silva e Filhos, de Viana do Castelo. 100\$ do Porto. Anónimo de Aveiro, com 450\$. Mais selos de Braga. Brinquedos dos alunos (pobres) da Escola de Aguda, entregues pela respectiva professora. E 2.500\$, de promessa a Pai Américo, para recuperação da vista, dum nosso assinante.

A Direcção da União dos Inválidos de Guerra, enviou-

SEGUE NA QUARTA PAGINA



NATAL — Estamos a celebrar o Natal do Senhor. É tempo de Festa. Recordamos um acontecimento que diz respeito a todos os homens. É um facto histórico. É o encontro pessoal do Pai com os Seus filhos. Este encontro deu-se de muitos modos, através da vida do Povo de Deus. Mas, quando chegou a «plenitude dos tempos», o tempo escolhido pelo Pai, Ele veio ao encontro dos homens, de um modo diferente, na pessoa do Seu Filho, para reunir todos os filhos dispersos, que somos nós.

Recordar é viver. Recordar o Natal, é viver o Natal. É encontrar-se cada um com o Pai. É fazer a paz com o Pai. Mas só nos encontraremos com o Pai, se estivermos de bem com todos os filhos. Os caminhos para Deus são os caminhos dos homens. Chegaremos a Deus por um só caminho — dando-nos as mãos uns aos outros. Não nos iludamos. O Pai estará feliz quando todos os filhos estiverem também felizes.

Esta é a nossa missão. Esta a missão dos filhos de Deus — ajudarem a que todos sejam felizes. Assim, cada Natal celebrado seja um chamamento. Seja um compromisso renovado perante o Pai que veio até nós na pessoa do Filho, de que não descansaremos, de que não nos sentiremos satisfeitos enquanto todos os filhos não participarem da mesa comum.

A esta luz queremos ver tudo o que se faz nesta quadra a favor dos mais infelizes.

Notícias da nossa Aldeia — Os trabalhos continuam.

Os rapazes vão crescendo em responsabilidade. Em breve, alguns deles irão para a vida militar, outros já por lá andam. E outros ainda, em breve regressarão a este Lar, pensando já em construir o seu. Para todos os ausentes vão saudades de todos nós.

As oficinas de carpintaria, serralharia, alfaiataria não tem faltado o trabalho necessário a uma aprendizagem para a vida futura.

Há dias, fomos forçados a uma ausência de cerca de duas semanas. Quem ficou a governar a Casa? Foram eles, com espanto talvez de muitos. A vida continuou. É consolador verificar como, nestes tempos em que se fala tanto de novos métodos de educação, em que se fala de «Escola Nova», a escola de Pai Américo, criada há 31 anos, continuar viva, actual, como caminho a seguir nos tempos que correm.

x x x

No momento em que lançamos no papel estas notas, sentimos muito perto de nós o grupo de jovens do Lobito que nos enviaram esta carta: «Junto enviamos a quantia de 50.000\$00, para a primeira pedra da nova casa. Este dinheiro foi fruto da nossa Campanha «AMOR na Caridade» e com muito amor vos oferecemos.»

Bem hajam.

Padre Manuel

Foi um vôo curto de Lourenço Marques à Beira, no nosso regresso. Na Beira, o Governador do Distrito (Amigo de há muito) e uma família sempre amiga esperavam-nos. Tivemos uma conversa familiar, franca, longa e proveitosa com aquele Homem preocupado com a vida digna do seu Povo. Tem planos de promoção e de justiça social.

Vimos o plano da futura urbanização da cidade. Urbanização difícil e dispendiosa, pois o nível é inferior ao do mar e a cidade tem de ser construída sobre o pântano. Onde hoje estão palhotas ou barracas, há-de um dia ser casas dos actuais moradores. Não haverá segregação. As classes atrasadas só evoluirão em contacto com as mais evoluídas.

Tivemos o mimo de poder visitar a Reserva da Gorongosa. Um mundo encantador de vida animal! Já conhecíamos pela literatura e por algumas imagens, mas não acreditávamos naquela grande realidade. Milhares e milhares de animais olhavam-nos, sem grande espanto. O condutor da carrinha chegou a fazer mimos a um corpolento elefante que se afastou do grupo. Uma grande zebra macho deixou afastar a manada e ficou na pi-

ÁFRICA

cada à espera da nossa fotografia. Numa das lagoas fomos acordar uma multidão de hipopótamos. Uma estrondosa trovoadá africana, acompanhada de fustigante bátegas de água, veio interromper-nos o caminho que nos levaria à zona dos leões e leopardos.

O acampamento, com recepção, bar, restaurante, casas familiares para dormir, duas piscinas, parque ajardinado, aldeia de casas branquinhas cobertas de colmo para os naturais, é uma estância de repouso.

Têm razão os estrangeiros que vão passar suas férias à Gorongosa.

Na cidade, um companheiro de Seminário levou-nos a ver os pontos-chave da vida da Igreja na diocese: novas e funcionais igrejas em construção; uma paróquia-missão com salão-igreja, salas para actividades juvenis, ensino doméstico para raparigas, assistência às mães grávidas, futuro laboratório de análises clínicas; outra paróquia-missão com liceu,

escolas primárias, internato para meninos, campo de jogos com campeonatos, um grande bairro de casas de renda económica, terrenos para cada um cultivar; o centro de formação catequística, onde trinta casais que queiram ser catequistas se podem preparar durante dois anos, tendo o centro trinta casas familiares com quintal e terrenos de cultura; escola-internato para professores primários e outra para professoras, a funcionar em moldes muito novos.

Foram três dias que jamais poderemos esquecer e que nos estimulam a ser mais patriotas e melhores cristãos.

Um abraço de muita gratidão a todos quantos nos acolheram.

Padre Horácio



CAMPANHA DE ASSINATURAS

Véspera de Natal. Por feliz coincidência, mais um apontamento compilado na barafunda da expedição do número precedente!

Nem o frio, nem os montes de jornais, nem a urgência em pregar com eles na estação do correio amenizam o barulho de «Herrera» e «Eusébio». Só a calma personificada (quantas vezes enervante!) de Manuelzito e Elísio. O pior de tudo, porém, é que amigo «Eusébio», hoje, está de relações muito tensas com «Herrera»! Não chegaram a vias de facto. Mas «Eusébio» tem muita personalidade...

Estes quadros vivos da nossa vida são colorido indispensável ao ambiente da procissão. Sempre tão cheia. Tão rica. Tão frutuosa! Não tardamos, é certo, a fazer uma paragem noticiosa. Só noticiosa... Para não subtrairmos as presenças necessárias de todas e cada uma das nossas Casas. Assim elas compareçam, assiduamente, a tempo e horas — até para racionalizarmos, convenientemente, a nossa actividade, alterada com uma grande revolução cultural, motivada, particularmente, pelo ritmo dos nossos dias. E, também, para não perdermos o combóio...

• «QUE ELES FIQUEM A PERTENCER À FAMÍLIA DA OBRA...»

Velha amiga de Bragança incendiou e incendei muita gente. Ora leiam:

«... Junto envio 12 novos assinantes do Jornal para começarem a recebê-lo no mês de Janeiro. Dos que vão marcados, enviarei a quantia no próximo mês. Os outros parecem ser boas pessoas e de boas contas.

Foi na viagem que fiz a Paço de Sousa que os recrutei. Como pode verificar, vão do Continente a Luanda e à Alemanha! Que eles fiquem a pertencer à Família da Obra, como pertence quem as envia.»

Os transmontanos são de rija tèmpera! Os doze estão em Bragança, Moncorvo, Carrapatelo, Cortiços, Vimieiro, Luanda e Alemanha! «Que eles fiquem a pertencer à Família da Obra como quem as envia». Também são os nossos votos.

• O FAMOSO NÃO TEM PREÇO

Agora, oportuna carta de S. Paio de Oleiros:

«Felicidades é o meu desejo. Esta é para fazerem o favor de anotar mais duas assinaturas, em Janeiro.

Segue vale, mas gostava que fizessem o favor de me dizer, ou dizer no Famoso, se interessam assinaturas de trinta escudos. É realmente muito pouco; mas, se digo para mais, logo se recusam... E poderá esse pouco, em lendo, desper-

tar consciências e acordar as adormecidas.»

Note bem, prezada amiga — jamais exigimos condições materiais à recepção do Jornal. Ao longo dos anos — de edição para edição — esclarecemos, firmamos, acentuamos, de muitas e variadas formas — bem claras — que interessa, sobretudo, participar e quem participe, efectivamente, da leitura do Famoso. O resto, naturalmente, vem por acréscimo. Allás, a nota mais feliz desta Campanha reside, precisamente, no facto de quase todos os caminheiros da procissão — extraordinariamente receptivos — terem-se mentalizado para que os novos assinantes, propostos por suas mãos, o sejam por expressa vontade. Por isso, nada de forçar — até do ponto de vista material. Que o Famoso não tem preço!

• «NÃO PUDE FICAR CALADA...»

Outra carta com legenda expressiva:

«Foi com grande mágoa que li no nosso Famoso que uma minha conterrânea desistiu de assinante.

Na verdade tenho pouco tempo para trabalhar na angariação de novos assinantes, o que bem me custa.

Mas no meio desta desistência não pude ficar calada e, então, envio-vos dois novos assinantes; um que arranjei, e outro que pago eu para uma sobrinha.»

• LISBOA E PORTO

As duas grandes urbes (por causa do Natal...) baixaram de presenças, um nadita. Mas passada a época festiva — ainda que fria — tripeiros e lisboetas arregaçarão as mangas. E serão novas séries de caras novas. Com certeza!

• DE NORTE A SUL DO PAÍS

Além do já anotado, seguem mais novos leitores de Vila Franca de Xira, S. Mamede de Infesta (com um pedido simpático: «agradeço iniciem desde já o seu envio»), Espinho, Braga, S. João da Madeira, Serra de El-Rei (esclarecemos: remeta o que entender — que O GAIA-TO não tem preço), Loures e delicadíssimo apontamento de Sousel — Alentejo:

«Envio hoje vale de correio para pagamento do ano que terminou em Novembro e do que começou. Como penitência vão mais quatro assinantes...»

Abençoada penitência!

• ULTRAMAR

Registamos presenças de Vila Pery e Ilha de Moçambique. Na costa ocidental, que é feito dos angolanos?!

Finalmente, boas notícias de S. Paulo — Brasil. E é tudo.

Júlio Mendes

VEM DA PRIMEIRA PÁGINA

somos mais ou menos, por acção ou por omissão.

Quando nos debruçamos sobre este caso, são todos os casos paralelos, passados, a passarem-se, que nos preocupam, pois vão continuar a repetir-se, a menos que mudem os conceitos dos homens a respeito do Homem e, consequentemente, as estruturas em que o Homem acolherá os homens.

Nas duas quinzenas passadas sobre o primeiro artigo, tivemos mais informações — e seguras!

Tendo o nosso homem trabalhado desde os 11 anos «debaixo da terra», para várias entidades, ao serviço das quais contraiu a silicose, encontrou-se ao fim e ao cabo, com um grau de incapacidade, fixado em exame pericial, a que corresponde a pensão anual de 1898\$86.

Como várias as entidades patronais, várias as respectivas seguradoras. De modo que con-

Respeito pelo Homem

cluo ter havido problema na repartição de tão importante verba pelas várias Companhias — concluo por oito páginas de prosa que constituem um acordo do Supremo Tribunal Administrativo, ao qual haviam recorrido algumas das ditas Companhias. Este acordo define a fatia devida por cada uma e fixa realmente, entre outros, os valores citados no penúltimo jornal.

Em mentalidade de capítulos, artigos e parágrafos, tudo muito correcto. Mas do que nós tratamos é de outro assunto muito mais substancial, sagrado, mesmo!:

— Como é que o nosso homem se sustenta e à mulher e a três filhos com a impressionante pensão de 1898\$86 anuais?!

— Com que consciência se nos pode falar n'«a má fé com que o dito pensionista procedeu, ao dar ao autor da local inforção sobre a sua situação»?!

Ele apenas veio até nós em busca de uma resolução para o problema angustiante da sua subsistência e dos seus! Se trazia credenciais, não foi ele que as passou, nem tampouco ima-

VEM DA TERCEIRA PÁGINA

nos a migalhinha de 50\$ e a sua amizade. Oliveira de Azeimeis com 100\$. Póvoa de Galega, 100\$. De Travassô, 50\$. António, com a persistência de sempre, cá vai com várias presenças. Mais 2.000\$, do Pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto. Continuam com o entusiasmo e amizade notada na primeira hora, estes bons

Amigos! Deus os ajude.

De Almada, roupas e 200\$. Vem de «uma mãe, mil vezes agradecida», por tantas graças recebidas. Mais mil escudos e esta carta:

«Caríssimo irmão

Pela segunda vez, em momento de aflicção financeira, Deus amerceou-se de mim, contemplando-me numa «rifã». E pela segunda vez me tendes a vosso lado, repartindo a benesse. Não terá sido conquistada à força de músculo, a poder de esforço criador, mas esta modesta contribuição de 1.000\$ para a vossa Obra tem, irrecusavelmente, o sabor dulcíssimo das alegrias do espírito, da fraternidade. Como sabe, irmão, Ele dá o pêlo conforme o frio — e, desse modo, não importa a causa, mas sim o efeito. Perdoai, ainda, a insignificância da minha colaboração perante a grandeza heróica da vossa devoção pela Casa do Gaíato, mas se Deus o entender e me reforçar a vontade, pode ser que desabafe mais vezes...

Por último atrevo-me a incluir nas vossas acções de graças a minha filhinha, que hoje completa um mês.

Até à próxima, irmão.»

E 5.000\$, de quem, todos os anos, e por esta altura, aparece. Anónimo com 100\$. Por alma de Jerónimo, Artur, Fernando, Helena e Eduardo, 90\$. Do Porto, Silvina envia-nos 250\$. Portuense Maria com 600\$. «Mãe que crê em Deus», com várias mensalidades juntas, para o quarto do velho do Barredo. «Uma Alentejana», com 50 metros de flanela e 670\$. «Com desejos de Paz e harmonia», 50\$, do Porto.

E até ao ano se Deus quiser. O desejo sincero de que seja para todos, de Paz e saúde.

Manuel Pinto



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

As nossas Edições



A primeira publicação de fôlego que se nos oferece sobre Pai Américo-pedagogo.

Pedidos à Editorial da Casa do Gaíato — Paço de Sousa